

PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS ENTRE HOMENS E MULHERES NO VIGITEL 2021 E 2022: REFLEXÕES SOBRE MACHISMO ESTRUTURAL

PRACTICE OF PHYSICAL ACTIVITIES BETWEEN MEN AND WOMEN IN VIGITEL 2021 AND 2022: REFLECTIONS ON STRUCTURAL MACHISM

EL PRÁCTICA DE ACTIVIDADES FÍSICAS ENTRE HOMBRES Y MUJERES EM VIGITEL 2021 Y 2022: REFLEXIONES SOBRE EL MAQUISMO ESTRUCTURAL

Gisele de Oliveira Ribeiro dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-7851-8550> 

<http://lattes.cnpq.br/4656725984008491> 

Centro Federal de Educação Tecnológica (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

gisele.santos@cefet-rj.br

Matheus Henrique dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-5975-3790> 

<http://lattes.cnpq.br/4717241232452606> 

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

matheus_malu@yahoo.com.br

Alexandre Palma

<https://orcid.org/0000-0002-4679-9191> 

<http://lattes.cnpq.br/7533719836625173> 

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

palma_alexandre@yahoo.com.br

Resumo

O machismo é uma construção social, entendido como um sistema de dominação, ao qual impõe posições sociais tanto para homens quanto para mulheres, além de reforçar a desigualdade entre gêneros. Essas posições sociais podem interferir na prática de atividade física em diferentes situações, como no tempo livre, no trabalho e afazeres domésticos. Assim, o objetivo deste estudo foi verificar a distribuição da prática de atividades físicas, entre homens e mulheres, a partir dos dados coletados no Sistema Vigitel 2021 e 2022. Foram coletados dados referentes à prática de atividades físicas nos domínios do tempo livre, ocupacional e doméstica, bem como, sobre o sexo dos participantes (n= 23.634). Os dados coletados possibilitaram observar comportamentos diferentes nos três domínios investigados, aos quais as mulheres estão mais vulneráveis para realizarem atividades físicas no tempo livre, ao mesmo tempo em que realizam mais atividades físicas domésticas, característico de uma sociedade machista.

Palavras-chave: Gênero; Machismo Estrutural; Domínios de Atividade Física; Vigitel.

Abstract

Machism is a social creation, understood as a system of domination, which imposes social positions on both men and women, in addition to reinforcing inequality between genders. These social positions can interfere with the practice of physical activity at different times of the day, such as free time, work and household chores. Thus, the objective of this study was to verify the distribution of the practice of physical activities, between men and women, based on data collected in the Vigitel System 2021 and 2022. Data were collected referring to the practice of physical activities in the domains of free time, occupational and household, as well as the sex of the participants (n= 23,634). The data collected made it possible to observe different behaviors in the three domains investigated, to which



women are more vulnerable to carry out physical activities in their free time, at the same time that they carry out more physical activities at home, characteristic of a sexist society.

Keywords: Gender; Structural Machism; Domains of Physical Activity; Vigitel.

Resumen

El machismo es una creación social, entendida como un sistema de dominación, que impone posiciones sociales tanto a hombres como a mujeres, además de reforzar la desigualdad entre géneros. Estas posiciones sociales pueden interferir en la práctica de actividad física en distintos momentos del día, como el tiempo libre, el trabajo y las tareas del hogar. Así, el objetivo de este estudio fue verificar la distribución de la práctica de actividades físicas, entre hombres y mujeres, a partir de los datos recolectados en el Sistema Vigitel 2021 y 2022. Se recolectaron datos referentes a la práctica de actividades físicas en los dominios de tiempo libre, ocupacional y doméstico, así como el sexo de los participantes (n= 23.634). Los datos recogidos permitieron observar diferentes comportamientos en los tres dominios investigados, a los que las mujeres son más vulnerables al realizar actividades físicas en su tiempo libre, al mismo tiempo que realizan más actividades físicas en casa, característico de una sociedad sexista.

Palabras clave: Género, Machismo Estructural; Dominios de la Actividad Física; Vigitel.

INTRODUÇÃO

O machismo é uma construção social, entendido basicamente como um sistema de dominação, e esse sistema impõe posições sociais tanto para o sexo masculino quanto para o sexo feminino. A partir dessa imposição, homens e mulheres se formam e se comportam da maneira que é social e culturalmente esperada. Na infância, meninos e meninas são colocados pelos adultos em posições que não necessariamente contemplam suas vontades, de tal modo que o menino começa a entender que precisa se responsabilizar pelo sustento da casa e pela realização de atividades que envolvam força física, enquanto a menina é levada a executar um papel de cuidado, tendo sua vida voltada para o casamento e submetida às vontades do homem (Drumont, 1980). Bourdieu (1999) entende que a dominação masculina estrutura e organiza toda a atividade social.

Como o modelo de sociedade em que vivemos é essencialmente machista, as relações de poder são desiguais entre homens e mulheres, o que faz com que as mulheres sejam constantemente desfavorecidas e oprimidas, inclusive nas ações de cuidado com a saúde (Poaquiza-Poaquiza; Harolara; Quiroga-López, 2022). Tal modelo de sociedade é oriundo de um sistema de organização social denominado patriarcado, ao qual os homens são historicamente posicionados como figuras centrais de poder e autoridade, e as mulheres são posicionadas como de maneira subordinada e com papéis secundários. O sistema patriarcal tem raízes na colonização e na formação social brasileira, tendo as estruturas de poder moldadas para beneficiar os homens em detrimento das mulheres (Sousa, 2014).

Ainda que não isento de críticas, tem sido considerado que a atividade física faz parte de um estilo de vida saudável e passível de mudança. De acordo com a literatura





hegemônica, são diversas as possibilidades de praticar atividades físicas e, vários benefícios para a saúde poderiam ser conquistados a partir desse comportamento ativo (Powell *et al.*, 2010), ocorrendo também redução do risco de morbimortalidade para uma diversa gama de doenças e agravos (World Health Organization, 2012). Para se avaliar os níveis de prática de atividades físicas, autores têm diferenciado o tipo de atividade física que as pessoas podem praticar: atividade física no lazer, no trabalho, no transporte e atividades domésticas.

A atividade física doméstica é realizada como exigência das tarefas do lar. O que inclui atividades de limpeza como varrer, lavar, fazer a faxina pesada além de atividades de jardinagem, entre outras. A atividade física ocupacional é realizada como exigência das funções específicas do trabalho. Esse domínio inclui as atividades físicas realizadas em cada profissão ou trabalho. (Florindo; Hallal, 2011; Eurohis, 2003).

O domínio de atividade física de lazer é o momento em que se realizam as atividades físicas no tempo livre. Estudos apontam que pessoas com maior renda e maior grau de escolaridade tendem a praticar mais atividades físicas no lazer, como as práticas esportivas ou aquelas realizadas em academias de ginástica (Brasil, 2014).

Há importantes diferenças entre homens e mulheres no que tange à prática de atividades físicas. Gomes *et al.* (2019) avaliaram as barreiras para a prática de atividades físicas enfrentadas pelas mulheres atendidas na atenção básica de saúde e trouxeram, entre outros dados, que entre as mulheres que não realizam atividades físicas, as principais barreiras foram a falta de local apropriado para a prática, a falta de companhia, a falta de energia e sentir-se muito cansada ou desmotivada.

O estudo de Salles-Costa *et al.* (2003), abordando 3.740 funcionários de uma universidade pública sobre prática de atividades físicas no lazer (AFL), mostrou um domínio masculino nas AFL, em que apenas 40% das mulheres participantes da pesquisa relataram alguma prática de AFL, enquanto 52% dos homens eram ativos nesse domínio. Dentro dessas atividades, a caminhada foi a atividade mais relatada por mulheres e homens. Por outro lado, os homens apresentaram números maiores em todos os esportes coletivos relatados e na musculação. Os resultados sugerem que a jornada de afazeres do dia-a-dia das mulheres é bem maior que a dos homens e as impede de engajar em atividades que demandam mais tempo e recursos, como os esportes coletivos.

Esse estudo se justifica pela necessidade de serem identificados grupos socialmente mais vulneráveis, visto que a prática de atividades físicas, algo potencialmente





benéfico para a saúde das pessoas, deve estar centrada no desenvolvimento humano, e nesse contexto é importante que se considere os mecanismos pelos quais estes grupos perpetuam suas vulnerabilidades (Rodrigues, 2017).

O objetivo do presente trabalho é verificar a distribuição da prática de atividades físicas, nos domínios do tempo livre, ocupacional e doméstica, entre pessoas autorreferidas como homens e mulheres, a partir dos dados coletados no Vigitel 2021 e 2022.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Abordagem Metodológica, Contexto da Pesquisa e Participantes

O Sistema Vigitel é um sistema de vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas não transmissíveis que utiliza de inquérito telefônico para coletar dados de residentes de todas as capitais dos estados brasileiros e Distrito Federal. Os inquéritos telefônicos são realizados anualmente, desde 2006, em amostras da população adulta (18 anos ou mais) residentes em domicílios com linha de telefone fixo. Contudo, a partir de 2022, as entrevistas também foram feitas por aparelhos celulares (Brasil, 2024a).

Um dos aspectos coletados diz respeito à realização de atividades físicas em diferentes domínios (tempo livre, ocupacional, doméstica e deslocamento).

Técnica e Instrumento de Coleta de Dados

Para coleta de dados, foi acessado o banco de dados do Sistema Vigitel disponível na internet (<https://svs.aids.gov.br/download/Vigitel/>).

Foram coletados os dados referentes à prática de atividades físicas, nos domínios do tempo livre, ocupacional e doméstica, bem como, sobre o sexo dos participantes, de modo dicotômico (homens e mulheres). Foram coletados dados de 23.634 pessoas, considerando os anos de 2021 e 2022.

Análise de Dados

Para comparação das médias de tempo destinado às atividades físicas, entre os dois grupos, foi aplicado o teste t de *student*. O teste t de *student* diz respeito a um teste de hipótese estatística utilizado para comparar a diferença entre o valor médio da variável da



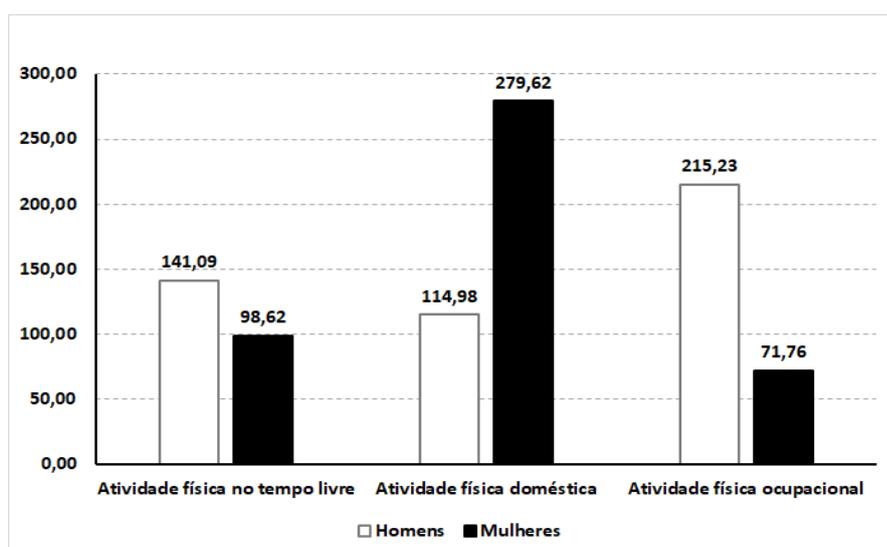


amostra investigada, em relação a um valor médio hipotético ou de uma amostra de referência. Para a análise da distribuição entre aqueles envolvidos ou não com a realização de atividades físicas foi utilizado o Qui-quadrado. O teste Qui-quadrado é um teste estatístico usado para comparar resultados observados com resultados esperados, medindo como um modelo se compara a dados reais observados. Seu propósito é determinar se uma diferença entre dados observados e dados esperados é em razão do acaso ou se é devido a uma relação entre as variáveis que se está investigando. Adotou-se o valor de 0,05 para significância estatística, uma vez que tal valor reflete a probabilidade de as diferenças serem menores que 5% e, portanto, a hipótese de a pesquisa ser considerada aceita.

RESULTADOS

Os dados coletados possibilitaram observar que o tempo total dedicado à prática de atividades físicas no tempo livre diferiu, estatisticamente, entre homens e mulheres (141,09 min./sem., 98,62min./sem., respectivamente; $p < 0,0001$). As mulheres realizaram mais atividades físicas domésticas (114,98 min./sem., 279,62min./sem., respectivamente, homens e mulheres; $p < 0,0001$). Por outro lado, os homens estavam mais envolvidos com as atividades físicas ocupacionais (215,23 min./sem., 71,76min./sem., respectivamente, homens e mulheres; $p < 0,0001$).

Figura 1 – Tempo médio destinado à realização de atividades físicas nos diferentes domínios



Nota: Atividade física no tempo livre ($p < 0,0001$); atividade física doméstica ($p < 0,0001$); atividade física ocupacional ($p < 0,0001$).

Fonte: construção dos autores.





A distribuição entre aqueles que realizam ou não as atividades físicas, nos diferentes domínios, permitem verificar a maior participação das mulheres nas atividades físicas domésticas ($p < 0,0001$), mas não nas atividades físicas no tempo livre ($p < 0,0001$), e ocupacionais ($p < 0,0001$).

Na Tabela 1 é possível observar tais dados.

Tabela 1 – Distribuição absoluta e relativa da prática de atividades físicas em diferentes domínios, considerando o sexo

Domínios/sexo	Prática de atividades físicas				p-valor
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Ativ. Física no tempo livre					
Homens	3557	42,84	4746	57,16	<0,0001
Mulheres	4857	31,68	10474	68,32	
Ativ. Física doméstica					
Homens	1996	24,04	6307	75,96	<0,0001
Mulheres	7332	47,82	7999	52,18	
Ativ. Física ocupacional					
Homens	1111	13,38	7192	86,62	<0,0001
Mulheres	816	5,32	14515	94,68	

Fonte: construção dos autores.

DISCUSSÃO

Em relação aos resultados encontrados, é fundamental distinguir os conceitos de sexo e gênero. O sexo é relacionado às características biológicas, enquanto o gênero é uma construção social ao qual atribui significados culturais, como normas e comportamentos (*World Health Organization*, 2022). Em que pese tal distinção, a coleta de dados na presente pesquisa, uma vez que foi recolhida a partir de um banco de dados já realizado, trabalhou com o conceito de sexo, de forma binária (masculino e feminino).

Os resultados encontrados demonstram existir uma distribuição desigual entre homens e mulheres na realização dos diferentes domínios de atividades físicas. O estudo de base populacional realizado por Del Duca *et al.* (2018) também encontrou diferenças significativas nos níveis de inatividade física no lazer entre mulheres e homens (58,1% “versus” 45,5%. Por outro lado, as mulheres estavam muito mais envolvidas com as atividades físicas domésticas, de tal forma que as taxas de inatividade física neste domínio foram de 40,4% entre as mulheres e 71% entre os homens, refletindo que o trabalho doméstico ainda é algo





destinado às mulheres. Esses achados podem ser explicados através da herança de uma sociedade machista e patriarcal que permanece sólida até os dias atuais, mesmo com lutas para a igualdade entre gêneros, em que as mulheres geralmente têm dupla jornada, já que mesmo trabalhando precisam chegar em casa e desempenhar tarefas domésticas e de cuidado com os filhos, o que gera uma opressão de gênero e pode reduzir o tempo para realização de atividades físicas no lazer.

Deste modo, para compreender as desigualdades no tempo destinado aos diferentes domínios de atividade entre os gêneros masculino e feminino, faz-se necessário que seja realizado um recorte sobre a história da prática de atividades físicas na sociedade.

Ao realizar uma investigação na história da prática de atividade física, são encontrados dados dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, com os primeiros registros datados em 776 a.C. Nesta época, os Jogos Olímpicos possuíam objetivos diferentes dos Jogos atuais, assim a cada quatro anos soldados se reuniam, com tréguas às guerras dos períodos, e competiam, com a ideia de que os esportes da época entretinham os espíritos dos mortos (Miragaya, 2002). Neste período, o regulamento da competição previa que a participação das mulheres fosse vedada como competidores e como espectadora. Esta proibição do gênero feminino, era justificada com fatores biológicos e sociais. Nesta época, as mulheres eram vistas como frágeis para competir e para acessar as arenas que eram em locais íngremes e de difícil acesso. Ademais, outra justificativa para a proibição do gênero feminino nos Jogos Olímpicos, é que a figura do papel feminino deveria estar centrada apenas para os cuidados do lar, e a participação na competição poderia causar algum dano, que impedisse às mulheres de cuidar do lar. Contudo, é sabido que existiam algumas exceções a esta regra. Algumas mulheres jovens e solteiras, eram permitidas assistirem à competição, para que estas pudessem ser vistas e encontrar um marido (Luciani, 2016). Outro fator para este período que deve ser destacado, é que em algumas competições, as mulheres eram entregues aos homens vencedores como forma de premiação (Miragaya, 2002).

Portanto, com esses achados sobre os Jogos Olímpicos da Antiguidade, pode se verificar que a restrição da participação das mulheres nos Jogos, possuía um cunho social maior do que biológico. Ademais, ambas as justificativas são características de uma sociedade patriarcal e machista da época, mas que deixou heranças que, em alguma medida, perduram até os dias atuais. É válido ressaltar que esta desigualdade de gênero no esporte olímpico é reconhecida por diversos órgãos. Por exemplo, no ano de 2021, o Comitê Olímpico do Brasil





(COB) criou a área Mulher no Esporte e em seguida criou a Comissão Mulher no Esporte, em 2022, com ações de equidade de gênero. Estas ações são realizadas por meio do Programa de Desenvolvimento do Esporte Feminino, Representatividade na mídia e cursos (COB, 2023). É possível que um conjunto de ações, não somente do COB, tenha contribuído para a ascensão da participação feminina nos Jogos Olímpicos do ano de 2024, em Paris, na qual ocorreu uma mudança histórica na composição da delegação brasileira. Pela primeira vez, a participação feminina será superior a masculina, composta por 153 mulheres e 124 homens, totalizando 277 atletas (Brasil, 2024b).

Ao continuar o recorte histórico sobre práticas de atividade física, é visto o no século XIX passaram a fazer parte da vida do gênero feminino. As mulheres neste período, passaram a praticar caminhadas, andar de bicicleta e jogar tênis. Para a prática das atividades físicas do tempo livre, era necessário que não existisse contato físico e ser considerado uma atividade física bela (Oliveira, Cherem, Tubino, 2008; Salles-Costa *et al.*, 2003). Somando-se a esta preocupação, ainda existia o cuidado para que a realização destas atividades físicas não impedisse a mulher de exercer a sua principal atividade, cuidar do lar e dos filhos (Salles-Costa *et al.*, 2003).

Contudo, é preciso ser crítico a este momento tardio em que a mulher passou a realizar estas atividades físicas do tempo livre. As atividades eram, na verdade, como auxiliaadoras para que a mulher servisse melhor o seu marido ao estar mais bela e com saúde. Assim, as atividades físicas eram prescritas por médicos, com o objetivo de embelezamento e de cuidados à saúde, sobretudo a reprodutiva (Salles-Costa *et al.*, 2003).

Ademais, ao realizar um comparativo entre o gênero feminino com o gênero masculino no mesmo período, é possível encontrar na literatura, que as atividades físicas do tempo livre para os homens eram uma importante ferramenta de validação da masculinidade, assim como uma maneira de demonstração contra alguma forma de feminilidade (Salles-Costa *et al.*, 2003). Isto é, algo que seja percebido como feminino não é válido como importante, e quanto maior a demonstração de masculinidade maior o poder na sociedade. Deste modo, os mesmos médicos que prescreviam a atividade física do tempo livre para a saúde reprodutora e embelezamento da mulher, prescreviam a atividade física do tempo livre para os homens aumentarem o delineamento dos músculos, que remetia à ideia de força. Desta forma, conforme afirmam Salles-Costa *et al.* (2003), a área médica se utilizou do determinismo biológico entre os sexos masculino e feminino para explicar as desigualdades entre os gêneros,





em relação ao envolvimento com a prática de atividade física no tempo livre, o que, segundo os autores, evidenciaria a falta de neutralidade, bem como, os valores e significados atribuídos a cada gênero.

Com esse recorte histórico, é possível compreender que ainda se perdura a herança de uma sociedade machista e patriarcal nos resultados encontrados sobre o domínio de atividade física do tempo livre no Vigitel dos anos de 2021 e 2022. Adicional a isto, estes achados ganham força quando se encontram com o de outros estudos, como o de Del Duca (2013) e Florindo (2009), nos quais o gênero feminino também apresenta um tempo inferior destinado à atividade física no tempo livre. Contudo, é válido ressaltar que este menor tempo destinado à atividade física do lazer está interligado a outros fatores como a permanência da mulher em destinar maior tempo às atividades físicas domésticas comparado ao gênero oposto e também, ao ingresso no mercado de trabalho, destinando assim parte do seu tempo nas atividades físicas ocupacionais.

Os resultados encontrados entre a comparação dos gêneros no domínio de atividade física doméstica são alarmantes, e confirmam a história do papel da mulher na sociedade machista e patriarcal. Os achados deste inquérito telefônico, demonstram que mesmo com o avanço dos anos, as mulheres utilizam mais que o dobro do seu tempo semanal para realizar as atividades físicas domésticas. Outros estudos obtiveram resultados similares, ou seja, indicando que o gênero feminino destina o dobro, ou aproximadamente o dobro do tempo para realizar as atividades físicas domésticas (Del Duca *et al.*, 2013; Florindo *et al.*, 2009).

Como forma complementar, para enfatizar a forte presença de uma sociedade com características machistas, a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicada no ano de 2022 mostrou que as mulheres destinavam em média de 21,3 horas semanais com atividades que envolviam o cuidado do lar de maneira geral, como preparar e servir alimentos. Enquanto os homens efetuaram em média de 11,7 horas por semana, para desenvolverem os mesmos cuidados ao lar (IBGE, 2022). Esses dados quando analisados, simbolizam a necessidade de intensificar a luta por igualdade de gênero, além da necessidade urgente de reconfigurar as atividades domésticas, retirando o protagonismo da mulher do trabalho invisível que é cuidar de um lar e dos filhos.

Por outro lado, houve uma mudança no paradigma da história. O gênero feminino passou a exercer atividades ocupacionais. No ano de 1962 foi criada a Lei 4.121, a qual dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada, esta lei ficou conhecida como Estatuto da Mulher





Casada (Brasil, 1962). Esta lei foi considerada um avanço para a época, visto que contribuiu para a emancipação da mulher ao garantir o direito das mulheres casadas de exercerem atividades ocupacionais sem prévia permissão do marido para tal atividade. Contudo, isto ainda é recente para que a igualdade entre gêneros tenha sido alcançada, no âmbito ocupacional. Pouco mais de seis décadas da publicação desta Lei, as pesquisas demonstram que ainda ocorre a desigualdade de gênero, em que os homens continuam sendo os principais provedores do lar e são a maioria nos cargos de trabalho como gerências e políticos (IBGE, 2022). Os dados referentes à atividade física ocupacional estão de acordo com os dados sobre trabalho de maneira geral, os homens realizam mais atividade física ocupacional que as mulheres como visto nos resultados encontrados no Vigitel do ano de 2021 e 2022, e em estudos anteriores (Del Duca *et al.*, 2013; Florindo *et al.*, 2009).

Todavia, um recorte sobre a história da atividade física em diferentes domínios, nos gêneros feminino e masculino para discutir os resultados encontrados, permitiu compreender que ao longo do tempo, as mulheres em sua luta por igualdade de gênero, na verdade acumularam funções. Isto é, as mulheres passaram a realizar a prática de atividade física de lazer, foram inseridas no mercado de trabalho, porém continuaram como as principais cuidadoras do lar e dos filhos. Assim, o acúmulo destas funções, como as atividades ocupacionais e domésticas, é capaz de justificar o menor número de mulheres realizando as atividades físicas de lazer, pois é visto que os domínios de atividade física são interligados, ou seja, um indivíduo que realiza muita atividade física em um determinado domínio, de maneira consequente, pode ser que realize menos atividade física em outro domínio (Strath *et al.*, 2013). Posto isso, é possível realizar uma crítica quanto ao atual período da sociedade na diferença de gêneros, conforme afirma a autora Carolina Nobrega (2022), que é uma mulher feminista negra, as mulheres estão exaustas de existir na condição de exaustão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os recentes dados sobre a prática de atividade física nos diferentes domínios demonstram que ainda se perduram as características de uma sociedade machista, aos quais as mulheres estão mais vulneráveis a realizarem atividade física no seu tempo livre, ao mesmo tempo em que realizam mais atividades físicas domésticas.





O trabalho doméstico e de cuidado está historicamente associado no Brasil com a submissão. Dessa maneira, grande parte da sociedade ainda não compreende as ações de cuidado como trabalho, já que fomos ensinados que determinado gênero tem mais aptidão para cuidar, o que sobrecarrega as mulheres e faz com que não reste tempo livre para outras atividades.

Estudo de Bonalume *et al.* (2023) analisando dados da pesquisa lazer no Brasil, verificou que quando questionadas sobre o que fazem no tempo livre durante a semana, as respostas das mulheres classificadas como “outras” (95%) foi muito alta, quando comparamos com a resposta “atividades físico-esportivas” (16%). A alta taxa de respostas não especificadas, classificadas como “outras” pode estar explicada pela complexidade relacionada ao conceito de lazer e tempo livre e, possivelmente, algumas mulheres incluem atividades de cuidado nesse tempo livre, dada a dificuldade de separar lazer e obrigação, levando em consideração os aspectos culturais já mencionados.

Destacar as relações existentes entre a prática de atividade física nos diferentes domínios entre os gêneros é crucial para discussões como a promoção de atividade física. Assim, as políticas de promoção de atividade física devem estar alinhadas para considerarem os indivíduos mais vulneráveis, como o gênero feminino a atingirem maiores níveis de atividade física no tempo livre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONALUME, Cláudia Regina *et al.* Mulheres, trabalho e lazer no Brasil: entre tempos, gostos, desejos e a fruição de um direito. **Revista estudos feministas**, v. 37. n. 2, p. 1-16, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Política Nacional de Promoção da Saúde. **Revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. **Análise epidemiológica e vigilância de doenças não transmissíveis**. Vigitel. Disponível em: <<https://svs.aids.gov.br/download/Vigitel/>>. Acesso em 20 jul. 2024a.

BRASIL. **Quase 90% dos atletas brasileiros que irão aos Jogos Olímpicos de Paris 2024 fazem parte do Bolsa Atleta**. Disponível em: <<https://www.gov.br/esporte/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/quase-90-dos-atletas-brasileiros-que-irao-aos-jogos-olimpicos-de-paris-2024-fazem-parte-do-bolsa-atleta>>. Acesso em: 20 jul. 2024b.





BRASIL. **Lei No 4.121, de 27 de agosto de 1962**. Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Brasília, DF: Senado Federal, 1962.

COMITE OLÍMPICO DO BRASIL. **Equidade de gênero**. 2023. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/time-brasil/mulher-no-esporte#equidade-de-genero>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

DEL DUCA, Giovâni Firpo *et al.* Prevalence and sociodemographic correlates of all domains of physical activity in Brazilian adults. **Preventive medicine**, v. 56, n. 2, p. 99-102, 2013.

DEL DUCA, Giovâni Firpo *et al.* Como gênero e escolaridade interagem nos padrões de inatividade física em diferentes domínios em adultos? **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 29, n. 4, p. 653-661, 2015.

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para análise do machismo**. São Paulo: Perpectivas, 1980.

EUROHIS. **Developing common instruments for health surveys**. Genève, Suisse: World Health Organization, 2003.

FLORINDO, Alex Antonio *et al.* Epidemiology of leisure, transportation, occupational, and household physical activity: prevalence and associated factors. **Journal of physical activity and health**, v. 6, n. 5, p. 625-632, 2009.

FLORINDO, Alex Antonio; HALLAL, Pedro Cury. **Epidemiologia da atividade física**. São Paulo: Atheneu, 2011.

GOMES, Grace Angélica de Oliveira *et al.* Barreiras para prática de atividade física entre mulheres atendidas na atenção básica de saúde. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 41, n. 3, p. 263-270, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua**: outras formas de trabalho. Brasília, DF: IBGE, 2022.

LUCIANI, Carla Ribeiro, NUNES, Meire Aparecida Lóde. A mulher e os Jogos Olímpicos na antiguidade. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESPAR, 2. **Anais...** Paranavaí, PR: Unespar, 2009.

MIRAGAYA, Ana. A mulher olímpica: tradição versus inovação pela busca da inclusão. In: TURINI, Marcio; DACOSTA, Lamartine. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Educação "física" feminista: saúde é uma questão política dos corpos exaustos. **Revista brasileira de educação física escolar**, ano 7, v. 3, p. 62-75, 2022.





OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo; TUBINO, Manoel José Gomes. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008.

PALMA Alexandre. Exercício físico e saúde: sedentarismo e doença: epidemia, causalidade e moralidade. **Motriz.**, v. 15, n. 1, p. 185-191, 2009.

POAQUIZA-POAQUIZA, Angel Patricio; HARO-LARA, Aída Patricia; QUIROGA-LÓPEZ, Malena Karina. Patriarchy and the role of academic women in the family. **Revista científica y arbitrada de ciencias sociales y trabajo social**, v. 5, n. 9, p. 27-40, 2022.

POWELL, Kenneth E.; PALUCH, Amanda E.; BLAIR, Steven N. Physical activity for health: what kind? Howmuch? How intense? On top for what? **Annual review of public health**, v. 32, p. 349-365, 2010.

RODRIGUES, Philippe. Prática de atividade física no lazer e condições socioeconômicas no município do Rio de Janeiro. **Revista de saúde física e mental**. v. 25, n. 2, p. 18-30, 2017.

SALLES-COSTA, Rosana *et al.* Gender and leisure-time physical activity. **Caderno de saúde pública**. v. 19, supl. 2, S325-S333, 2003.

SALLES-COSTA, Rosana *et al.* Associação entre fatores sócio-demográficos e prática de atividade física de lazer no estudo pró-saúde. **Caderno de saúde pública**, v. 19, n. 4, p. 1095-1105, 2003.

STRATH, Scott J. *et al.* Guide to the assessment of physical activity: clinical and research applications. **Circulation**, v. 128, n. 20, p. 2259-2279, 2013.

SOUSA, Roberta Menezes. Casa-grande e senzala e o patriarcado: um diálogo crítico com a teoria feminista. **Emancipação**, v. 14, n. 1, p. 61-72, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Gender and health**. Disponível em: <<https://www.who.int/health-topics/gender>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sixty-fifth world health assembly 2012**. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/events/2012/wha65/journal/en/index4.html>>. Acesso em: 20 mai. 2024.

Dados do primeiro autor:

Email: gele.ribeiro21@gmail.com

Endereço: Avenida Maracanã, 229, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20271-110, Brasil.

Recebido em: 14/06/2024

Aprovado em: 30/07/2024

Como citar este artigo:





SANTOS, Gisele de Oliveira Ribeiro dos Santos; SANTOS, Matheus Henrique dos; PALMA, Alexandre. Prática de atividades físicas entre homens e mulheres no Vigitel 2021 e 2022: reflexões sobre machismo estrutural. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17876, p. 1-14, 2024.

